

O Passado nas Páginas das Revistas Norte-americanas: a invenção das identidades a partir da evocação dos laços comuns

Eliza Bachega Casadei¹

Resenha de: KITCH, Carolyn. Pages from the Past: history & memory in american magazines. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2005.

Resumo

A presente resenha versa sobre o livro *Pages From the Past*, da autora norte-americana Carolyn Kitch. As revistas publicadas nos Estados Unidos, para a pesquisadora, fornecem uma visão unificada e patriótica do passado nacional, contribuindo, com isso, para a criação e afirmação das identidades nacionais. Segundo ela, embora o material histórico apareça de diferentes formas, seu sentido sempre aponta para uma mesma direção: o que significa ser norte-americano.

Palavras-chave: *Jornalismo; História; Identidades nacionais; Memória Coletiva*

A partir de uma vasta pesquisa sobre o uso de referências históricas nos jornais norte-americanos do século XIX, Betty Houchin Winfield e Janice Hume concluíram que o jornalismo foi a primeira instituição a criar uma narrativa pública sobre a identidade do país. Diferentemente do que havia acontecido na Europa, a imprensa, nesse caso, teria precedido os primeiros livros sobre a História norte-americana na função de fornecer um passado comum coerente e sólido na construção das identidades nacionais (WINDFIELD e HUME, *apud* KITCH, 2005: 02). O livro de Carolyn Kitch, *Pages from the Past: history & memory in american magazines*, pode ser considerado, em certo sentido, uma continuação

¹ Graduanda em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É colaboradora do livro "Palavras proibidas: pressupostos e subtendidos da censura teatral".

da pesquisa de Windfield e Hume, na medida em que investiga como os dados históricos são utilizados atualmente pelas revistas norte-americanas.

Muitos autores já apontaram o fato de que jornalistas e historiadores competem em uma mesma arena simbólica pelas interpretações legítimas sobre o passado de um país. Barbie Zelizer (1992) nos fornece um exemplo interessante a respeito disso. Ao discorrer sobre como a mídia retratou a morte do presidente Kennedy anos após o ocorrido, a autora apontou a existência de uma autoridade cultural atribuída aos jornalistas que fez com que eles se estabelecessem como as vozes autorizadas para falar da história da morte do trigésimo quinto presidente norte americano. Segundo a autora, a cobertura do assassinato de Kennedy revolucionou a prática jornalística norte americana não só porque demandou um envio rápido de informações durante um período de crise, mas também por ter legitimado o jornalismo televisivo como um mediador da experiência pública nacional. A partir dessa legitimação inicial, segundo Zelizer, a discussão não se limitou ao ensino de determinadas práticas jornalísticas. A discussão se estendeu para a valorização dos profissionais da mídia enquanto atores legítimos na interpretação da realidade e da História norte americana.

A escrita da História, de fato, em diversos períodos temporais, assumiu uma função eminentemente política. Alguns interesses de pesquisa muitas vezes surgiram a partir de demandas relativas aos negócios públicos e ao controle social. Cada época histórica parece ter conhecido alguma especificidade nesse campo e, mais recentemente, o respaldo às identidades nacionais se constituiu como uma das singularidades dos períodos mais recentes. Como bem pontua Castells (1999), a História e a memória coletiva são alguns dos elementos definidores da formação das identidades nacionais, especialmente, no que tange à invenção dos heróis e dos símbolos nacionais.

O estudo de Carolyn Kitch atesta brilhantemente a importância da interface entre a mídia e a memória. Ela analisou em torno de sessenta revistas norte-americanas e a forma com a qual elas lidavam com os dados do passado. Segundo ela, os *media* se autodenominam “historiadores da cultura norte americana no final do século XX e do segundo milênio, conscientemente assumindo o papel de selecionar os eventos e as pessoas mais importantes do passado e explicar a importância histórica deles” (KITCH, 2005: 14 - tradução minha).

As conclusões de Kitch apontam para o fato de que - apesar de os usos de dados históricos abarcarem uma série enorme de temáticas e de diferentes momentos do passado

- as memórias construídas pelas revistas norte americanas culminam sempre em um mesmo tipo de narrativa: o que significa ser norte americano. Essas revistas assumem um papel importante na construção das identidades nacionais, uma vez que são “artífices coletivos de uma visão patriótica unificada” (KITCH, 2005: 18 - tradução minha).

Esse patriotismo é disseminado através de narrativas históricas exemplares (que podem abarcar histórias comoventes da vida de pessoas comuns, o culto a pessoas famosas mortas, retrospectivas dos últimos anos ou dos últimos séculos, entre um número imenso de variantes) que buscam resgatar sempre os mesmos valores - valores estes identificados fortemente com a cultura norte americana e com o que significa ser norte americano.

Kitch identificou a disseminação das seguintes qualidades morais nas reportagens que faziam retrospectivas do ano ou da década anterior nas principais revistas dos Estados Unidos:

(1) A virtude do individualismo: esse valor parte da idéia de que as pessoas são as únicas responsáveis por seus próprios atos. É um arquétipo norte americano na medida em que ele funciona como uma extensão da própria nação: o individualismo “é o símbolo supremo da independência do país” (KITCH, 2005: 26 - tradução minha). Isso pode ser observado em coberturas onde grandes temáticas foram tratadas a partir da estória pessoal de certos *indivíduos* e não enquanto *problemáticas*. Um exemplo significativo deste funcionamento é a eleição do homem do ano da revista *Time* - toda uma cadeia de eventos relevantes do ano anterior é sintetizada em apenas um personagem significativo.

(2) A ascensão do vencido: quase uma extensão do primeiro valor, a ascensão do vencido reafirma o fato de que as pessoas são donas de seu destino e, conseqüentemente, têm a capacidade de mudá-lo independentemente das condições de sua vida. É o *self made man* que se mostra em narrativas que relembram o árduo caminho que esportistas e políticos tiveram que trilhar até a glória. O presidente Jimmy Carter, por exemplo, “foi retratado em todas as retrospectivas de 1970 como o vencido-*outsider* que restaurou a esperança americana na liderança política, enquanto o Papa João Paulo II foi descrito como ‘o cavalo preto polido que conquistou Roma’” (KITCH, 2005: 26 - tradução minha).

(3) A queda do ganancioso ou do imoral e o restabelecimento da ordem: a história mais emblemática nesse sentido é a de Richard Nixon e do caso Watergate. Sua renúncia foi lembrada, nos anos posteriores, por todas as revistas norte-americanas, não como a queda de um homem, mas como o símbolo da eliminação da liderança corrupta no país.

(4) O triunfo da democracia: os valores democráticos foram constantemente comemorados nas revistas através da rememoração da vitória dos aliados na II Guerra Mundial, do fim da Guerra Fria e a queda da União Soviética e do fim do comunismo no leste europeu.

(5) A sobrevivência das pequenas cidades: segundo Kitch, as pequenas cidades compõem um simbolismo importante na mentalidade norte-americana porque são uma continuidade do valor do individualismo (uma vez que são, ao mesmo tempo, modelos de laços comunais e exemplos de auto-suficiência) e representam, também, a morada do Homem Comum. Isso é mostrado de diferentes formas pelas revistas americanas: a *Time*, por exemplo, descreveu os religiosos da pequena Port Jefferson como um amálgama de tudo o que rejeitado pela contracultura dos anos 60; a *Life* fez uma série de reportagens mostrando como os habitantes de pequenas cidades prosperaram nos últimos anos.

(6) O papel da tecnologia na construção de um mundo melhor: esse valor pode ser visto, por exemplo, na retrospectiva da revista *Life* sobre os anos 50, que retratou o automóvel como a invenção definidora da primeira metade do século. Já a *Time*, em sua retrospectiva dos anos 90, trazia uma fotografia ilustrativa onde computadores e produtos eletrônicos foram arrumados de maneira a formar um rosto sorrindo.

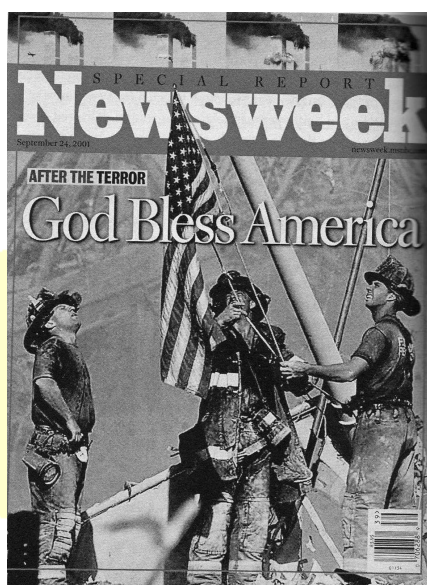
A publicação das retrospectivas reafirma constantemente o papel dos jornalistas como disseminadores da História, confirmando certa autoridade cultural da categoria para falar destes assuntos. Além disso, segundo Kitch, o enquadramento da memória coletiva tem tido como base de referência os valores citados acima.

O uso dos dados do passado pela imprensa é tratado, em *Pages from the Past*, não somente como a cobertura de eventos históricos (tais como nas retrospectivas dos acontecimentos do ano ou do século anterior), mas também como um conjunto pré-configurado de narrativas constantemente utilizadas pelos jornalistas. Isso fica claro, por exemplo, quando a autora mostra como os bombeiros foram retratados pela mídia após os ataques de 11 de Setembro.

Os bombeiros, que viraram uma espécie de mito norte-americano depois dos ataques às torres gêmeas, foram mostrados como desbravadores e heróis que, de repente, irrompiam de homens comuns, vindos das camadas sociais mais baixas (*underdog heroes*) – uma construção que, em grande medida, retomava a imagem dos soldados americanos que lutaram na II Guerra Mundial. Foram reafirmados os valores da “guerra benéfica” dos anos 40, combinados com a noção de herói anônimo. Ela é fundamental na medida em que,

como se trata de uma guerra estruturada em torno de uma causa comum, o herói deve ser desconhecido para reafirmar o aspecto comunal da demanda. Isso também é combinado com uma outra imagem, esta surgida a partir da cobertura da Guerra do Vietnã, em que os soldados americanos eram mostrados mais como vítimas do que como heróis em um conflito externo.

A revista *Newsweek*, por exemplo, na capa da edição de 24 de Setembro de 2001, publicou uma foto em que bombeiros hasteavam uma bandeira norte-americana nos destroços do World Trade Center, em uma imagem muito similar a uma foto famosa tirada em Iwo Jima.



Nas narrativas posteriores, que relembavam o ocorrido, essa construção se tornou ainda mais recorrente, construindo e resgatando, de uma forma geral, alguns valores identitários norte-americanos. Isso porque especialmente devido ao fato de que os bombeiros passaram a figurar em uma série de outras narrativas como heróis, o foco neste tipo de personagem possibilitou que a imprensa pudesse rapidamente reescrever a estória do 11 de Setembro, não mais enquadrando a vulnerabilidade, o medo e a morte, mas sim, a superação, a coragem e a sobrevivência. O uso de referências sobre a II Guerra Mundial foi fundamental para esta construção, na medida em que também resgata certa “masculinidade” em decadência.

O papel da História enquanto formador de um *communitas* nas narrativas jornalísticas é fundamental no estudo de Kitch. O passado seria capaz de resgatar certas

situações de liminaridade que modificam as relações sociais normais, unindo as pessoas a partir da reafirmação dos laços comunitários. A mídia, enquanto elemento da cultura, é capaz de criar tais situações através do enquadramento do passado e da reencenação dessas situações-limite.

Além dos exemplos já colocados, Kitch dá grande ênfase às narrativas sobre pessoas famosas mortas como um grande criador de *communitas*. “Assim como os bombeiros heróis do 11 de Setembro, as celebridades que são mais constantemente lembradas são aquelas cujas vidas podem ser contadas de uma maneira que suporte a todos nós, e cujas mortes possam ser entendidas como um momento de pausa, no jornalismo, para avaliarmos quem nós somos” (KITCH, 2005: 62).

No estudo de Kitch, portanto, a evocação do passado é capaz de criar e reafirmar os valores das identidades nacionais, na medida em que efetua uma pausa na cobertura incessante dos fatos do presente, em direção a uma reinterpretação dos laços comunitários. Essa característica perpassa as reportagens retrospectivas, as evocações do passado nas coberturas dos grandes eventos, a lembrança de celebridades mortas, as publicações sobre o passado destinado a públicos segmentados, entre uma série de outras modalidades em que o passado pode ser reapropriado pela imprensa.

Desta forma, a imprensa enquanto criadora de *communitas* tem sua função mais aparente realocada. Para Kitch, ela se desloca de seu funcionamento como um instrumento mediador de informações, em direção à representação dos interesses compartilhados, em uma espécie de cerimônia que une as pessoas em torno de uma série de valores comuns.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade* (trad. Klauss Brandini Gerhardt). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KITCH, Carolyn. *Pages from the Past: history & memory in american magazines*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2005.

ZELIZER, Barbie. *Covering the Body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.